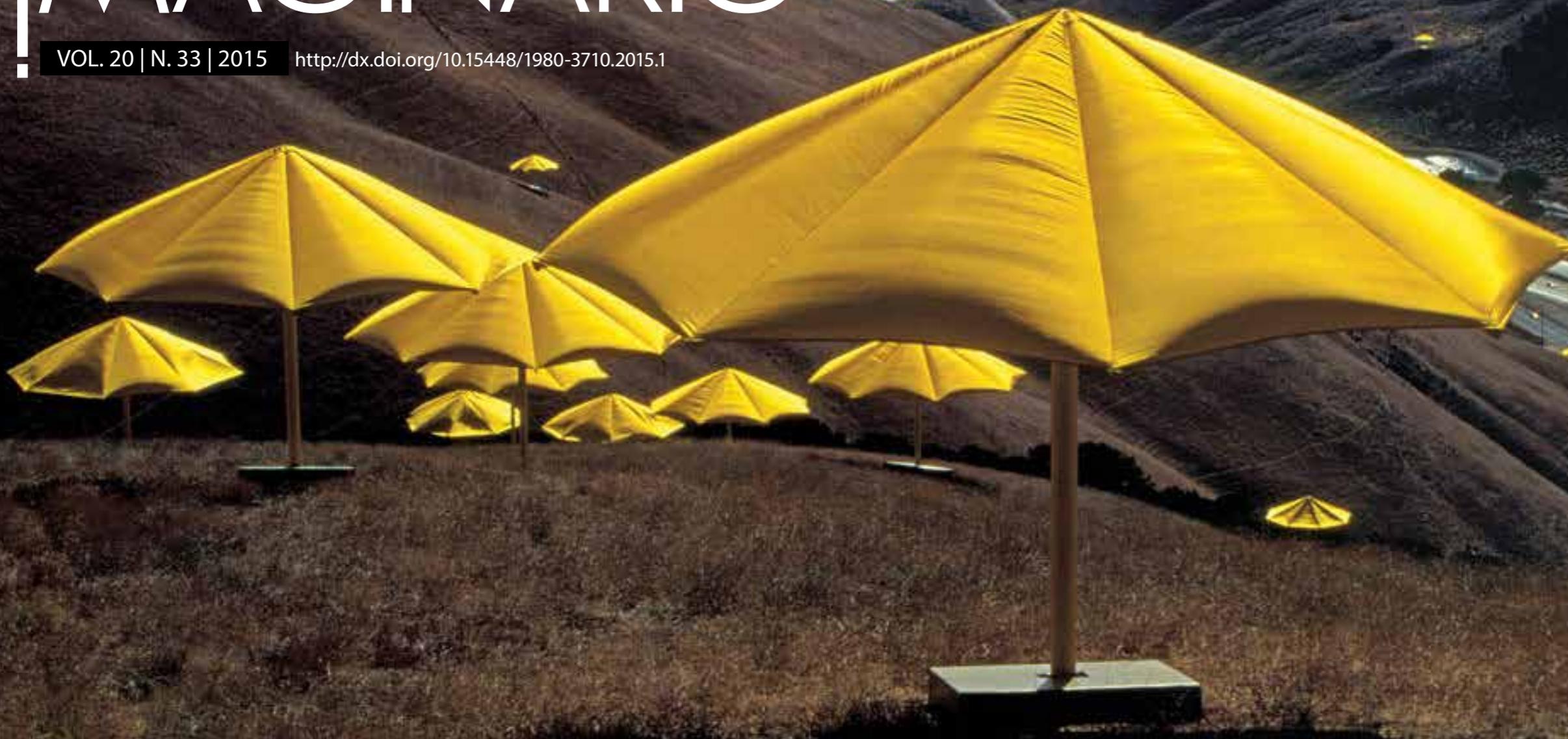


sessões do MAGNÁRIO

VOL. 20 | N. 33 | 2015 <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3710.2015.1>



CURTA NOSSA
PÁGINA



Crédito: Christo and Jeanne-Claude The Umbrellas, Japan-USA, 1984-91 Photo: Wolfgang Volz © 1991 Christo

P.01

Um milhão de amigos no *RJTV*:
o telespectador como produtor
de conteúdo

Christina Ferraz Musse e
Cláudia de Albuquerque Thomé

P.10

Sobre *Sete ondas verdes espumantes*:
diálogos entre estética poética, *road
movie*, literatura...

Dieison Marconi Pereira

P.95

Percepções estéticas da comunicação
contemporânea: entrevista com
Vincenzo Valentino Susca

Fernanda Lopes de Freitas,
Isabella Smith Sander e Karina Weber

#santamaria #boatekiss: Como a cobertura da maior tragédia do Rio Grande do Sul foi armazenada na memória das redes sociais

#santamaria #boatekiss: *How the cover
of the greater tragedy of Rio Grande
do Sul was stored in the social
networks memory*

Cristiane Weber¹ 

Resumo

O artigo tem o objetivo de investigar como os conceitos associados às teorias de *folksonomia* e encadeamento midiático foram responsáveis por organizar o conteúdo online referente à cobertura do caso do incêndio da Boate Kiss em 2013. Através de pesquisa documental, analisam-se postagens tanto do dia do incêndio como outras mais recentes, a fim de demonstrar a eficiência dessa organização e de seus resultados no que tange uma documentação sobre o caso. Buscou-se em Halbwachs (2006), Jenkins (2015), Lévy (1993), Primo (2013) e outros a fundamentação teórica desta análise. T tamanha mobilização, organizada por tags como #boatekiss e #santamaria, concluiu-se, foi responsável pela recuperação de conteúdos dois anos após o fato, bem como contribuiu para uma memória coletiva sobre a cidade e sua história marcada pela tragédia.

Palavras-chave

Kiss; *folksonomia*; encadeamento.

Abstract

The paper aims to investigate how the concepts associated with theories of folksonomy and chaining media were responsible for organizing online content on the cover of Boate Kiss of Fire event in 2013. Through documentary research, we analyze both posts Day fire as more recent, in order to demonstrate the efficiency of this organization and its results regarding documentation on the case. Sought in Halbwachs (2006), Jenkins (2015), Lévy (1993), Primo (2013) and other the theoretical basis of this analysis. Such mobilization, organized by tags as #boatekiss and #santamaria, it was concluded, was responsible for the recovery contents two years after the fact, and contributed to a collective memory of the city and its history marked by tragedy.

Keywords

Kiss; folksonomy; chaining.

Introdução

Os gaúchos dormiam por volta das 3h da manhã de 27 de janeiro de 2013. Enquanto o silêncio imperava na maioria das residências da cidade de Santa Maria, região central do Estado do Rio Grande do Sul, uma casa noturna servia de ponto de encontro para jovens, muitos deles alunos da universidade federal do município. No meio da madrugada, o som alto e abafado de uma música tradicionalista foi interrompido pela correria: se iniciava um incêndio de proporções alarmantes no centro da cidade. Em minutos, uma fumaça espessa e tóxica tomou conta do local. Mesmo com um pronto atendimento de ambulâncias e de bombeiros, estava instalada a tragédia: ao final do dia de domingo, quando o momento deveria ser o de se recuperar de uma noite festiva, Santa Maria contabilizava mais de duzentos e quarenta jovens mortos. O Estado entrou em luto e se viu gerar uma intensa comoção, fazendo com que o caso ganhasse destaque até mesmo em veículos de comunicação internacionais.

Além da repercussão nacional e internacional, naturalmente o caso da Boate Kiss foi amplamente difundido em todos os detalhes pelos veículos de comunicação

locais: começou com informações mais circunstanciais. Depois, passou para o acompanhamento da agonia e do sofrimento de parentes e amigos de vítimas fatais e dos que se recuperavam nos hospitais. Porém, antes ou paralelamente ao processo de cobertura midiática por parte de veículos como jornal, televisão e rádio, usuários do *Facebook* e do *Twitter* promoveram uma cobertura do caso, armazenando e organizando conteúdos diversos sobre o incêndio: foram elencadas primeiras informações (que inclusive serviram de substrato para os veículos de comunicação), fotos, vídeos e serviços de apoio aos feridos, como a divulgação de pontos de doação de sangue. A maioria das publicações fez uso da *hashtag* #santamaria e #boatekiss para organizar esses conteúdos, a fim de criar um banco de informações facilmente recuperável. Houve, no caso, um processo de *folksonomia* (Aquino, 2007), com o uso de conexões hipertextuais, marcado por um processo colaborativo e de encadeamento midiático.

Para avaliar como este processo promoveu o armazenamento e, portanto, um acervo memorial de informações do caso da Boate Kiss, este artigo tem como objetivo demonstrar como o processo colaborativo da *web 2.0* desencadeou uma série de práticas que possibilitaram a or-

ganização desse conteúdo. Tal processo se demonstrou eficaz do ponto de vista da colaboração entre os meios, com a replicação de informações que visaram informar sobre feridos e atualizar números sobre um dos casos mais trágicos do Rio Grande do Sul e do país. Acredita-se ser importante ressaltar que o caso da Boate Kiss é o segundo incêndio com maior número de vítimas já registrado (Uol Notícias, 2013) no Brasil. O primeiro trata-se do incêndio no Gran Circo em Niterói, que em 17 de dezembro de 1961 deixou um saldo de 503 mortos. Seguido da casa noturna gaúcha na escala de vítimas fatais está o caso do fogo no Edifício Joelma, que em 1974 provocou a morte de 188 pessoas. Justifica-se tal análise pela necessidade de ampliar os estudos sobre processos comunicacionais de memória de conteúdos envolvendo novas e tradicionais formas de comunicar os fatos.

Como problema de pesquisa, temos a seguinte questão: de que forma a *folksonomia* e outros processos catalogaram e organizaram as informações sobre uma tragédia em tamanha proporção? O objetivo geral é demonstrar como o caso se tornou emblemático em relação ao processo colaborativo inerente às representações da tragédia. Como objetivos específicos, tem-se o de apontar indícios de colaboração entre os meios e identificar as produções mais comuns entre os usuários do *Twitter* e do *Facebook* no dia do incêndio e também após o incêndio. A metodologia é a de pesquisas bibliográfica e documental.

Hipertexto, web 2.0 e encadeamento midiático

As conexões hipertextuais, que fomentam a ligação entre uma mesma palavra ou expressão em rede, foram fundamentais para que pessoas em todo o mundo pudessem acessar as informações sobre o incêndio na Boate Kiss não só no domingo fatídico como nos dias, meses e



Figura 1 – Páginas dos veículos online Le Monde, Clarín e BBC destacam a tragédia.

Fonte: Google Images

anos que se passaram. Para chegar a essa rede eficiente de conexões nos dias atuais, no entanto, o hipertexto passou por dois importantes marcos históricos. O primeiro ligado aos textos impressos e, o segundo, a pequenas variações de navegação possíveis através de hiperlinks. Quando a Internet surgiu na década de 90, os internautas se limitavam a acessar uma informação estanque, pois a rede não contava com ferramentas de publicação (se contavam, eram muito limitadas) e havia desconhecimento das linguagens de programação. Hoje, a situação é bastante diferenciada: internautas navegam e participam ativamente das redes sociais, adicionando conteúdos e participando globalmente de uma grande rede de informações, conectadas por interesses mútuos e fundamentadas na cultura da participação. Uma marca da *web 2.0*.

Segundo Primo (2013, p. 17),

Não apenas os movimentos sociais souberam utilizar as novas mídias para fins comunitários, comunicacionais e de resistência, como também o próprio mercado percebeu que poderia incorporar a colaboração online em suas estratégias informacionais, promocionais e de venda. As grandes empresas jornalísticas adotaram em seus periódicos online funções colaborativas aprendidas com os sites de jornalismo participativo.

No entanto, como fazer a conexão do conceito de hipertexto às práticas sociais exercidas no contexto da *web 2.0*? Aquino (2007) ressalta que, com este modelo participativo, surge uma forma de representação e organização de conteúdos que funciona com base no hipertexto. Esta representação é explicada pela autora através do conceito de *folksonomia*, um terceiro momento da história do hipertexto. Segundo Aquino (2007, p. 3),

“trata-se de um sistema de indexação de informações que permite a adição de *tags* (etiquetas) que descrevem o conteúdo dos documentos armazenados”.

Baseado na livre organização, Aquino (2007) ressalta que este tipo de link, a *tag*, é criada pelos usuários na *web*, que de forma coletiva representam, organizam e recuperam dados na rede.

Como ressalta essa autora,

A prática hipertextual significa relacionar assuntos, o que se faz através dos links. No momento em que são os próprios usuários, que ao utilizarem ferramentas cooperativas, organizam a informação de forma que possam recuperá-la através de uma busca por conexões e significados, em função da *folksonomia*, percebe-se a ocorrência de alteração dos padrões organizacionais dos dados na Rede (Aquino, 2007, p. 4).

Essa aplicação de *tags* ou palavras-chave, no entanto, pode causar um processo confuso de armazenamento ou identificação de um conteúdo de busca pelo que nos apresenta Lévy (1993), no que se refere à similaridade de significados de uma mesma unidade lexical. Por isso, o conceito de uma imagem associada a determinadas palavras é fundamental para compreender porque alguns significados parecem mais presentes do que outros quando ouvimos sobre algo.

Para compreender melhor esse processo, buscou-se em Halbwachs (2006) o conceito de *memória coletiva*. De acordo com o autor, as nossas lembranças sobre algo podem sempre estar associadas a lembranças de outros, a suas percepções, como se a mesma experiência fosse recomeçada e vivenciada por diversas pessoas. Por uma ótica analisada posteriormente, poderemos compreender que cada pessoa que vivenciou o caso deve ter feito suas próprias associações,

seja por ter morado em Santa Maria, ter sido estudante da Universidade ou simplesmente ter se lembrado dos tempos em que frequentava casas noturnas. Esses encadeamentos mentais formam um conglomerado de percepções, vívidas e individuais - mas ao mesmo tempo coletivas.

Segundo esse autor,

Acontece, com efeito, que uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, possam descrever muito exatamente os fatos ou os objetos que vimos ao mesmo tempo que elas, e mesmo reconstituir toda a sequência de nossos atos e de nossas palavras dentro de circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo (Halbwachs, 2006, p. 2).

Outro ponto que Halbwachs (2006) destaca é o da comunidade afetiva, que formata nossas memórias. Rememorar fatos marcantes como o da boate e catalogá-los nas redes sociais viriam a ser mecanismos de manutenção de uma lembrança que, ainda que grave e triste, permanece viva. Significa dizer que para nossa memória individual auxiliar a dos demais, é necessário que haja pontos de contatos comuns, sendo necessário que esta individual não deixe de concordar com memórias dos outros, “para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum” (Halbwachs, 2006, p. 7). No processo de guardar e posteriormente recuperar as lembranças da tragédia, a internet pode operar como uma ferramenta de reconstrução contínua do caso.

De acordo com Halbwachs (2006, p. 7),

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstru-

ção se opere a partir de dados ou de noções comuns tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade.

Posteriormente, veremos como a quantidade incessante de postagens sobre o caso Kiss opera essa reconstrução contínua de lembranças da tragédia.

Em um processo colaborativo e ligado à memória coletiva, surgem as ferramentas incorporadas à *web 2.0*, calcadas em um processo de *folksonomia* ligado à capacidade de marcarmos com as *tags* assuntos que nos interessam e que interessam a pessoas em todo o mundo. Veremos posteriormente na análise que a *tag* #santamaria, por exemplo, referenciou assuntos ligados ao incêndio. Porém, as *tags* – santa e maria - não foram marcadas individualmente nessas publicações. Elas foram associadas, de forma descontrolada, sem restrições em sua construção, como um marco do caso. Por isso, a ferramenta de marcação agrega uma forma de representação e organização de informações. Com a *tag* aplicada pelo usuário, segundo Aquino (2007, p. 9), “a informação fica armazenada e pode ser recuperada através da *tag* que o próprio usuário criou, e não mais através de um vocabulário controlado, o qual muitas vezes é desconhecido de quem faz a busca”.

Quando adicionamos as *tags*, estamos também etiquetando uma publicação, dando a ela um status de preferência de abordagem. Assim, podemos visualizar publicações em acervo associadas a um determinado assunto quando inserimos esta palavra-chave em um mecanismo de busca de determinada página na internet. Na rede social *Twitter*, por exemplo, a *tag* antecedida do símbolo #, ou seja, a *hashtag* é utilizada para manter uma espécie de lista com os assuntos

mais abordados em um dia no Brasil, como foi o caso da Boate Kiss.

A possibilidade de publicar – tornarmos públicas – nossas ideias, pensamentos e opiniões a respeito de fatos que nos envolvam diretamente ou indiretamente decorre de uma sensação de liberdade social que pode imperar nas redes sociais. Isso vale para aquilo que repercutimos, com opiniões e notícias sobre casos como o de Santa Maria.

O encadeamento midiático

A produção difusa e descentralizada na *web* feita por usuários, inicialmente, pode gerar uma sensação de rivalidade entre meios de comunicação tradicionais e este ambiente *web* marcado pela cultura da participação. Quando se aborda a relação entre a mídia de massa tradicionalmente estabelecida (a televisão, por exemplo) e as novas mídias, com produções advindas de usuários do mundo todo, pode haver uma conotação de disputa entre os meios. Porém, autores como Primo (2008) reforçam que esta disputa velada traz, em contrapartida, uma simbiose entre esses eixos de informação, possibilitando um processo colaborativo que posteriormente será aplicado na análise dos *corpora* dessa pesquisa. Esse processo é chamado por Primo (2008) de *encadeamento midiático*.

Esse autor defende que novos meios digitais podem ser usados para aprofundar os conglomerados dos meios de comunicação de massa. Os canais de tv aberta no Brasil, por exemplo, passaram a usar mensagens de *WhatsApp* e o *tweets* para alavancar a audiência e possibilitar a interação em tempo real. Não somente mais em perguntas para sorteios mas para possibilitar o caráter interativo de sua audiência. Não só blogs e micromídia como o próprio *Twitter* servem para reconfigurar e ao mesmo tempo viralizar um assunto como os meios de massa pautam-se no que está

sendo debatido para ampliar a discussão para a televisão, por exemplo.

Esse intercâmbio de informações, segundo Primo (2008), permite ainda que a abertura de informações em tempo real faça com que usuários *online*, mesmo que em silêncio, possam fazer uso de suas próprias avaliações sobre um determinado conteúdo e contribuir com este movimento quando acharem conveniente. Esse fenômeno é possibilitado, de acordo com esse autor, também pela facilidade de conexão e de interatividade possibilitada pelos meios digitais.

Foi através desse processo que boa parte das publicações sobre a tragédia ganhou proporções inimagináveis, dado o seu poder de alcance.

Uma era da cultura da informação

Um dos principais conceitos que norteia os processos de comunicação atuais é o de conexão. Aquino (2012) afirma que foi no final do século 20 que uma nova estrutura social foi configurada, baseada em redes. Esta nova estrutura foi promovida por um desenvolvimento industrial e de globalização, entre outros fatores. Segundo essa autora, “através da internet passaram a se efetivar diversas atividades econômicas, sociais, políticas e culturais que são essenciais aos indivíduos” (Aquino, 2012, p. 81). As novas tecnologias contribuem para ampliar a reconfiguração social, onde indivíduos estabelecem relações sociais e trocas comunicacionais via um imenso aparato tecnológico, uma era definida por Aquino (2012) como a da “cultura da informação”.

Mais do que obter informações em tempo real, o consumidor hoje possui um grande poder de produção, não só em relação às indústrias culturais, mas à sociedade como um todo. A origem do poder mencionado estaria principalmente vinculada, de acordo com Aqui-

no (2012), ao uso de câmeras digitais e de celulares, que geram capital simbólico e potencializam essa influência.

Conforme Aquino (2012, p. 84),

É no desenvolvimento da internet como meio de comunicação, e do que foi criado a partir dela para servir como instrumento comunicacional, que se extrai um entendimento sobre o desempenho que a conexão possui uma função essencial dentro desse novo modelo de comunicação baseado na bilateralidade de seus atores e ações, modelo esse no qual o conceito de convergência midiática se fundamenta.

Como portadores e produtores da informação, a troca comunicacional entre o cidadão comum e os grandes meios de comunicação, estejam eles na internet e na televisão, é cada vez mais comum, com o fornecimento, por exemplo, de imagens “exclusivas” gravadas por um aparelho celular, usadas para ilustrar grandes notícias de relevância nacional.

Em recente entrevista, Jenkins (2015) faz uma comparação entre os termos *distribuição* e *circulação* e como ambos se diferem no processo comunicacional. Para o autor, a distribuição está associada a um fluxo de conteúdo de cima para baixo, voltado mais a interesses empresariais, em um processo de restrição de produção. Já a circulação se trata de “um sistema híbrido e emergente, feito de forma mais forte por atos de indivíduos e comunidades, uma vez que incorporam o conteúdo midiático em suas interações diárias com os outros” (Jenkins, 2015). Nesse aspecto, esse autor constata que esse fenômeno move as mídias de um lugar para outro, sem a devida autorização de quem produz os conteúdos.

Na análise, será possível ver como a circulação e o encadeamento midiático, termos complementares, fi-

zeram com que as notícias sobre o caso se difundissem rapidamente e ainda o fazem, de forma perene.

Metodologia

Para a análise de como houve a construção de um acervo de informações em rede no caso da boate Kiss, optou-se por dois métodos. O primeiro diz respeito à pesquisa bibliográfica. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 51), este método provém da pesquisa básica, que do ponto de vista da natureza da pesquisa científica, “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prevista”. O segundo método utilizado é o de pesquisa documental. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza da contribuição científica de vários autores, a pesquisa documental vai buscar documentos que ainda não passaram por um tratamento analítico. Optou-se pelo método de pesquisa documental para análise de postagens no *Twitter* e no *Facebook* no dia do incêndio e posteriormente, dois anos após a tragédia. Entende-se por documento, de acordo com Prodanov e Freitas (2013), qualquer registro que possa ser utilizado como fonte de informação, permitindo uma observação crítica, leitura, reflexão e juízo fundamentado sobre o valor do material para o trabalho científico.

#santamaria e #boatekiss: as conexões de uma tragédia

27 de janeiro de 2013 em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. A estudante Michele Cardoso vai à festa *Agromerados*, na Boate Kiss, promovida pelo curso de Agronomia da Universidade Federal de Santa Maria. Horas mais tarde, Michele pode ter feito a primeira publicação no *Facebook* sobre a maior tragédia do Rio Grande do Sul. A postagem (Figura 2) se trata de um pedido de

socorro: o incêndio havia começado na Avenida dos Andradas, centro da cidade.



Figura 2 – Michele Cardoso posta pedido de socorro no Facebook. **Fonte:** Extraída pela autora da plataforma Google Images em 14 de março de 2015

Percebe-se, a partir do comentário do usuário Jean Carlo, que não havia naquele momento sequer uma dimensão no que aquele foco de incêndio pudesse se transformar. Michele parece ter feito a postagem no intuito de alertar o maior número de pessoas possível, como um pedido de ajuda. Cerca de duas horas depois, com uma maior visão da tragédia que se desenhava, o *post* de Michele serviu de plataforma de compartilhamentos e de tentativa de troca de informações (Figura 3).

Começava ali – somente essa publicação de Michele teve mais de cinco mil compartilhamentos - e em outras postagens simultâneas a produção descentralizada de usuários em todo o Estado e o país. Uma característica associada à circulação de Jenkins (2015), pois, em uma produção livre, os internautas promoviam suas próprias atualizações, disponibilizando centenas de vídeos, fotos, registros de desaparecidos, pedidos de doação de san-

que e lista de encontrados em hospitais. Mais do que isso, esses mesmos internautas ampliaram sua cobertura, trazendo atualizações e novas informações a cada minuto.



Figura 3 – Comentários na postagem de Michele Cardoso
Fonte: Google Images

Com tamanha disponibilização de informações e imagens, se iniciava, na sequência, o encadeamento midiático teorizado por Primo (2008), quando as emissoras de televisão e rádio fizeram uso destas informações para se pautarem. Caso da *Globo News*, que na manhã do domingo, dia do incêndio, anunciava 90 mortos (número das contagens iniciais) e fez uso das imagens postadas pelos internautas, bem como de reprodução de imagem de *tweets* enquanto deslocava uma equipe a caminho do Rio Grande do Sul (Figura 4).

O caso Kiss foi um exemplo de encadeamento midiático por ter assumido também uma segunda característica da teoria: o de usuários compartilhando links de reportagens, ou movendo as mídias livremente, como teoriza Jenkins (2015). Os internautas fizeram atualizações de fontes oficiais, tais como bombeiros, polícia civil e outros órgãos aos quais repórteres têm acesso, dife-



Figura 4 – Apresentador do Globo News mostra imagens e tweets para divulgar a notícia
Fonte: Google Images

rentemente de cidadãos que não possuem credenciais para tais entrevistas. O *tweet* ilustrado na Figura 5 é um exemplo deste encadeamento.



Figura 5 – Usuário MLSN posta link de reportagem sobre o caso no Twitter.
Fonte: Google Images.

Há outros elementos que tornam a cobertura paralela de usuários no *Facebook* um grande acervo de informações sobre o caso, passível de ser recuperado, por todo o registro de postagens a respeito do incêndio. No dia da tragédia, muitos usuários também fizeram uso da ferramenta em caráter de solidariedade. O perfil de uma estudante da mesma universidade e moradora de Santa Maria (Figura 6) mostra a postagem (Figura 6) apelando para doadores de sangue, tamanha a dificuldade de atender aos feridos naquele dia. O uso de *smartphones*, uma característica da era da conexão citada por Aquino (2012), confere poder aos usuários para postarem tais conteúdos em frente à boate ou em qualquer outro lugar.

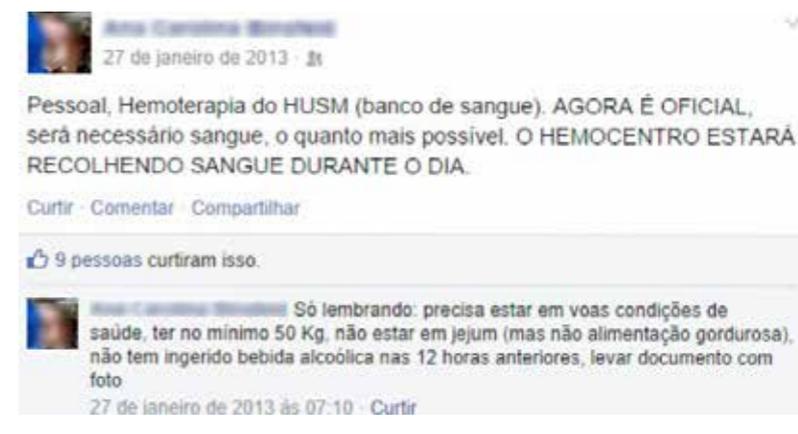


Figura 6 – Estudante de Santa Maria faz apelo por doação de sangue.
Fonte: Facebook.

As milhares de postagens sobre o caso, proporcionadas pelo encadeamento midiático que se engendrou, ganharam força quando surgiram as *tags* ou marcações que auxiliaram o propósito de organizar os conteúdos que eram postados. À época do incêndio, o *Facebook* não possuía a ferramenta de marcação. Porém, o *Twitter*, desde sua disseminação, já contava com a possibilidade de usar o símbolo '#' para marcar os conteúdos que, conforme Aquino (2007) serve para um processo de memória coletiva, quando

organizamos assuntos que nos interessam ou interessam pessoas em todo o mundo. No dia da tragédia, marcações (Figura 7) como #boatekiss, #santamaria e #forçaSantaMaria surgiram em peso no site, tanto por usuários do Brasil e de fora do país. Foi uma maneira de recuperar e organizar os conteúdos, possibilitando uma atualização constante para quem acompanhava online a tragédia.



Figura 7 – Tweets organizam o conteúdo sobre a tragédia com utilização de marcação por hashtag. Fonte: Montagem a partir de tweets publicados.

Após dois anos da tragédia, considera-se que o processo de *folksonomia*, com o uso das marcações, foi fundamental para um aparato da memória coletiva sobre o caso. Usuários continuam utilizando as *hashtags*, como nos *tweets* das figuras 8 e 9, que lembram a tragédia e promovem atualizações sobre o caso. O acervo de informações, assim, passa a ser atualizado com frequência.

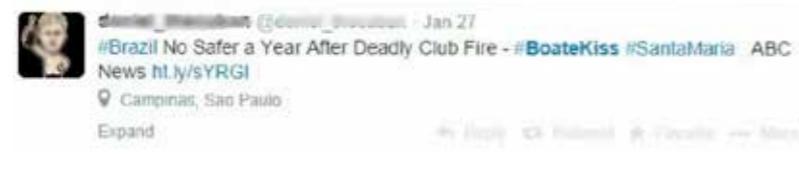


Figura 8 – Usuário lembra falta de segurança após um ano da tragédia. Fonte: Twitter.

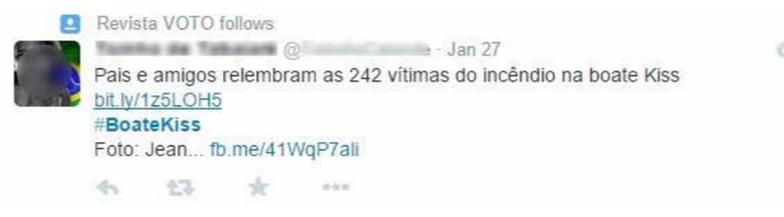


Figura 9 – Revista Voto fala sobre parentes de vítimas aos dois anos do incêndio. Fonte: Twitter.

Com tamanha repercussão, acreditamos que tenha se criado uma memória coletiva sobre a cidade de Santa Maria, marcada pela tragédia. Torna-se quase impossível, nos dias de hoje, citar o nome da cidade sem que alguém rememore o incêndio fatídico daquele 27 de janeiro, que deixou pessoas no mundo todo em estado de profundo pesar. Aqui se entende que também ocorra a associação com as memórias coletivas e afetivas de Halbwachs (2006), onde memórias individuais e sociais se fundem, reconstruindo permanentemente a história da tragédia.

Isso porque pessoas postam, aleatoriamente, lembranças e novas informações e, porque não dizer, compartilham sua dor com postagens de apoio, principalmente em datas que marcam o incêndio ou quando há novidades no processo movido contra os responsáveis pelo incêndio. Esses pontos de conexão permanentes fazem parte do constructo de informações e percepções da tragédia, não só entre pessoas, mas sobre suas postagens. A memória do algoritmo do Google, marcada pelo número de buscas sobre determinada expressão, endossa essas conexões. Ao digitarmos “Santa Maria” no campo de busca da plataforma, as primeiras imagens que surgem são as do dia do incêndio. Optou-se por não elencar a imagem da busca nesse artigo, por se tratarem de fotos ex-

plícitas e de cunho traumatizante. Porém, acredita-se que, ao citar o nome da cidade, uma das primeiras lembranças seja a da “cidade onde aconteceu a tragédia”. Esse processo compreende-se, ocorre tanto na esfera virtual (principalmente pelo processo de armazenamento) como na esfera presencial, em conversas que abordem o assunto.

Considerações finais

Entende-se que o caso Kiss pode ter sido amplamente repercutido pelas condições em que foi difundido, com a participação de internautas postando informações sobre lista de feridos, fotos de desaparecidos e opiniões sobre a negligência na boate. Assim, também se compreende que houve uma replicação substancial de links com reportagens de televisão e notícias de sites de veículos de comunicação, demonstrando uma co-moção internacional sobre o incêndio.

Os veículos de comunicação fizeram uso deste movimento colaborativo como uma oportunidade de promover a participação de seus espectadores e obter uma fonte de produção descentralizada e, portanto, mais eficaz. Portanto, este momento de comunicação entre usuários comuns da *web 2.0* e imprensa pode ser visto como uma oportunidade de ampliar o sentido da comunicação, dando enfoque à participação colaborativa, de forma muito mais instantânea.

Por fim, o uso de marcações com as *hashtags* #santamaria e #boatekiss possibilitou a criação de um acervo de informações sobre o caso, um processo que desencadeia a recuperação de conteúdos online. A prática hipertextual se estende à medida que percebemos não só a recuperação das postagens, mas de todos os links infinitos que se propagam delas, quando do uso de enca-deamento midiático.

Referências

AQUINO, Maria Clara. **Hipertexto 2.0, folksonomia e memória coletiva**: um estudo das tags na organização da web. 2007. Disponível em: <<http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/165/166>>. Acesso em: 5 mai. 2014.

_____. **Interatividade e participação em contexto de convergência midiática**. In: Mídias Sociais: saberes e representações. José Carlos Ribeiro, Thiago Falcão, Tarcizio Silva (Org.). Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. **Convergência entre TV e Web**: proposta de categorização analítica. 2012. 208 f. Tese (Doutorado em comunicação e informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/72495>>. Acesso em: 2 mai. 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. Cap I.

JENKINS, H. O selfie de Jenkins [2015]. **Revista Pará-grafo**, Jan. Jun. 2015, vol.1/nº 3. Entrevista concedida a Rafael Grohmann. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/288>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Editora 34, 1993.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. 2007. Disponível em: <http://www.moodle.ufba.br/file.php/10203/cultura_digital/web2_primo.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2014.

PRIMO, Alex (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

PRIMO, Alex. A cobertura e o debate público sobre os casos Madeleine e Isabella: encadeamento midiático de blogs, *Twitter* e mídia massiva. **Revista Galáxia**, Porto Alegre, v. 16, 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/caso_Isabella_e_Madeleine.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

UOL NOTÍCIAS. Tragédia em Santa Maria (RS) é o 2º incêndio mais mortal da história do Brasil. **Uol Notícias**, 27 de janeiro de 2013. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/valor/2013/01/27/tragedia-em-santa-maria-rs-e-2-incendio-mais-mortal-e-5-maior-tragedia-da-historia-do-brasil.htm>>. Acesso em: 24 set. 2015.

Notas

- 1 Jornalista. Responsável pela comunicação do Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul - PUCRS. Doutoranda e Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale (Campus II ERS-239, 2755, Novo Hamburgo/RS, CEP: 93525-07, Brasil) E-mail: crisjornalistas@gmail.com.